



**UNEB ANÃNSI**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA REVISTA DE FILOSOFIA,  
SALVADOR, ISSN: 2675-8385

<Produções do Encontro Baiano de  
Filosofia, Imagem e Cinema / Transcrição>

## **Sujeito, linguagem e urbanidade no pixo baiano**

### **Pedro Henrique Nascimento Maia**

Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos pela  
Universidade Federal da Bahia.

E-mail: pedromaia1994@gmail.com

### **Lucas Silva Santos**

Mestrando em Filosofia e Teoria Social pela  
Universidade Federal da Bahia.

E-mail: lucas\_silva\_santos@live.com

### **Andressa Lima Batista**

Graduanda em Museologia pela Universidade  
Federal da Bahia.

E-mail: abatistandressa@gmail.com

### **Filipe Emanuel Soares Silva**

Mestrando em Filosofia e Teoria Social pela  
Universidade Federal da Bahia.

E-mail: filipeemanuel27@gmail.com

## **1. Pluralidade e Conflito**

### **Introdução ao tema**

#### **EBAFIC, Contexto e Conflito**

Filipe Emanuel Soares Silva

Iniciamos esta conversa por meio da  
rememoração do evento que a originou, o  
Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e  
Cinema<sup>1</sup>. Na mesa intitulada “Sujeito,  
Linguagem e Urbanidade no Pixo” pudemos  
tecer um diálogo com alunos do ensino  
médio do Colégio Estadual Senhor do  
Bomfim. Em torno das questões  
apresentadas houveram intervenções dos

alunos. Um dos pontos principais foi a  
pergunta de um dos estudantes acerca da  
criminalização da pixação, da questão da  
propriedade privada, e a partir disso ouvi  
um debate mais acalorado. Contamos  
também com a presença do artista de rua  
pixador Suck, o qual contribuiu fortemente  
pro debate. Sua presença foi muito  
importante para mostrar a cara da pixação

---

<sup>1</sup> Este texto é uma transcrição originária da mesa “Sujeito, linguagem e urbanidade no PIXO” do Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema, que ocorreu no dia 15 de setembro de 2023. O evento foi formalmente apoiado pela Revista *Anãnsi* (UNEB), pela Fundação Pedro Calmon e pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, ambas submetidas à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

**ANÃNSI**



e o que ela é de fato. Ainda neste cenário, uma das questões mais interessantes foi a permanência dos tópicos elencados em torno dos conflitos acerca do que é a pixação e sua representação na sociedade, como a sociedade observa a pixação, ou seja, o território de conflito na própria pixação. Tal experiência evidencia uma questão central na cultura do pixo: é um espaço de conflito. O que vocês pensam acerca disso? Acerca do evento e nossa tentativa de pensar o pixo de forma acadêmica?

### **Lucas Silva I**

#### **As fronteiras da tradução**

Acerca do evento e nossa mesa, eu os vejo como propostas interessantes pelo valor que há em discutir filosofia e imagem. Imaginei que teríamos a possibilidade de debater mais a fundo o lado teórico do fazer que é a pixação, mas entendi que nossa atividade se tornou uma outra onda, o que

não quer dizer que não tenha sido proveitoso. A didática de explicar o letrado, por em debate os questionamentos trazidos pelos alunos e nossa troca foram experiências ricas. Ainda assim, fico feliz por podermos nos reunir neste momento posterior, para tentar responder, com base nas nossas vivências – o que também inclui as nossas aquisições teóricas, afinal possuímos em comum, além da prática do pixo, nossa inserção dentro do ambiente acadêmico da universidade, e talvez nossa potência esteja nesta possibilidade de tentar traduzir essas linguagens uma para a outra. Claro, com respeito as fronteiras inerentes a cada espaço.

### **Pedro Maia I**

#### **Cidade como disputa**

Além de debater a questão da imagem, debatemos também a questão de sujeito: um dos pontos discutidos no EBAFIC. Eu penso que este debate atravessa a própria

**ANÑANSI**

composição da mesa. A pixação é heterogênea. E diante disso eu fico muito reticente a tentar dizer que uma certa forma de pixação é o que é a pixação de verdade. Eu acredito que são diferentes sujeitos, diferentes atravessamentos, experiências distintas, inserções distintas e que vão se valer da pixação para se comunicar, mas não necessariamente querendo expressar a mesma coisa. Temos que nos abrir a esta heterogeneidade. Se formos para outros Estados do Brasil a gente vai ver que já houveram até gangues de extrema direita, nazifascistas. Precisamos considerar que a visão de um pixador que pensa na espetacularização, em aparecer, ela é tão válida quanto o pichador que pensa a pixação como uma experiência política ou outro que a vê apenas como lazer. Nesse contato da pixação com a academia foram feitas várias projeções em cima do que é a pixação. Principalmente a partir de teóricos que não têm uma experiência prática, sem conhecimento empírico do que é a coisa. Acredito que há várias perspectivas sobre o mesmo fenômeno que vai estar sempre em disputa. Cidade é disputa!

## **Andressa Batista I**

### **As batidas do coração**

Foi uma experiência muito interessante passar pela mesa. Comparada aos outros convidados, eu estou chegando agora nesse movimento, estou entendendo agora o que

é o movimento do pixo, a pixação baiana. Na mesa tiveram alguns pontos que foram muito fortes para mim. Por exemplo, teve uma fala de Kaya [Prof. Pedro Maia], em que ele diz que estamos vivendo um movimento de guerra, uma guerra contra uma autonomia comunitária, uma percepção que foi forte para mim e ainda encontro-me pensando sobre. Outro ponto que me tocou foi *A ética do pixo*, a questão do pixo enquanto família, a questão das gangues, da movimentação. A forma como o movimento é estruturado, para além das pessoas que pensam e fazem pixo por uma dimensão de autopromoção ou de posicionamento político, mas também pensar família, não só enquanto gangues, mas o movimento como uma família, em que todos são diferentes.

Acerca do conflito acalorado com os alunos sobre a criminalização do pixo, eu lembro que ela se deu por meio da partilha de Smol [Prof. Lucas Silva], quando ele disse que o candomblé já foi criminalizado, que a capoeira já foi criminalizada, e a partir daí surgiu o debate. Devemos lembrar que o público que estávamos lidando eram jovens secundaristas, adolescentes que gostam de tocar em pontos problemáticos e polêmicos. E foi interessante, tanto a dinâmica, quanto o debate por conta disso. Pois, não sei se vocês já esperavam isto, mas, uma coisa que de fato me pegou de surpresa foi este fato: eles tocaram na ferida *grandão*. Foram diretos nos pontos delicados, “Ok, vocês estão aí falando de pixação, mas, e aí, é crime ou não é? E aí? Vão pixar minha casa?”.

Um outro ponto a ser verificado é o próprio recorte racial daqueles que iniciaram o debate sobre a propriedade privada: foram jovens brancos pobres. Não apenas os que falaram publicamente, mas também pelos murmurinhos entre eles quando falavam “concordo com você”, “é crime mesmo...”. O interlocutor que começou os debates foi um homem pobre branco que mora no Arenoso<sup>2</sup> e ficou com receio de algum pixador ir lá violar a casa dele.<sup>3</sup> Eu acho que este é um ponto que devemos refletir não só como pixadores, mas também como universitários, como Smol falou.

Para além disso, uma coisa que Suck falou após a mesa, mas ainda está em mim, é ver

a manifestação do pixo escrito na parede como as batidas do coração. Isso para mim foi tão poético. Isso para mim foi tão real. Ele falar que as linhas do letrado, o ritmo da escrita, seria como as batidas do coração. Ele deu a explicação de que cada pessoa tem seu batimento cardíaco e que o letrado tem um sinal de batimento, que seria possível enxergar isto no *tribalizado* da pixação. Sem falar da explicação que ele deu sobre pensar o ato do pixo como uma dança. Bom, é isso, foi uma mesa muito rica, o contato abriu muitos horizontes interpretativos para pensar o pixo e também acho muito bom estar aqui agora pensando a mesa com vocês.



<sup>2</sup> Bairro de Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>3</sup> Esta foi a fala que deu início aos debates mais acalorados entre a mesa e a plateia de alunos. O convidado presente, o pixador Suck, acabou sendo um estopim para tal ao dizer que “E você acha que eu quero pixar muro velho?”

## 2. Função Social

**Diante disso, para vocês, qual a função social da pixação? Existe essa função? A pixação transcende o patamar da beleza? Ela sai da ideia da marcação e se torna uma comunicação de fato?**

**Lucas Silva II**

### Pixo como formação socializadora

Quando eu penso em pixação, eu sempre tento fugir do que parece ser o óbvio. Ou seja, a imagem que se tem de que ela simplesmente é um crime e as pessoas que a fazem tem a intensão de destruir. Toda esta carga de maldição que vai em cima do pixador.

Para mim, eu falo pela minha experiência, o valor social é formativo. É como Hamilton Borges [Escritor e militante da organização *'Reaja ou será morto, reaja ou será morta'*] fala sobre a pessoa que é presa e a gente diz que ela tem que ser ressocializada, sendo que ela nunca foi socializada. E para mim, o pixo seria uma dessas formas de socializar o indivíduo, criar vínculos com outras pessoas, aprender uma tradição, se incluir em uma família. Tudo isso são coisas que vão formando uma pessoa e abrindo horizontes para ela, ainda mais no cenário em que a gente vive. Um cenário colonial, da colonialidade, é um cenário de guerra, a ética que a gente vive é uma ética de guerra. Nossos corpos são vistos como inferiores ou dispensáveis.

Para muitas pessoas essa fala as vezes fica

parecendo piegas, mas, a grosso modo podemos dizer que várias pessoas foram salvas pelo pixo. Salvas no sentido de terem um direcionamento, ser incluído a uma sociedade, ganhar técnicas estéticas, a mobilidade com o espaço urbano, e esta é a minha percepção enquanto função social formativa. Agora, se a gente for pensar na existência de uma função social objetiva, ou seja: o pixo na parede apresenta algo absoluto, que transcende a intenção do pixador, para mim tem a ver com ser uma crítica a propriedade privada e os seus limites: o que é o público e o privado? Ainda que minha atenção se concentre em seu lado formativo, não tem como ser cego a este debate. Quando um cara é preso riscando, a polícia pergunta: em sua casa você faz isso? E você não faz na sua casa. Isto envolve toda uma gama de questões da prática do pixo que você não costuma querer seu pixo na porta de sua casa. Eu pelo menos não conheço muitas pessoas assim, que riscam e gostam tanto do letrado ao ponto de o faz na porta de sua casa. Ou seja: há um público a ser atingido, lugares a serem atingidos, não é só riscar a parede.

## **Pedro Maia II**

### **Guerra**

Eu acredito que esta fita de não pixar a própria casa envolve uma questão de anonimato, da própria sociabilidade do pixo. É uma dinâmica de guerra. Querendo ou não a gente se vê circunscrito por esta guerra, e aí a gente precisa criar métodos para até mediar as relações. Quando Andressa traz esse termo *ética do pixo* é interessante, pois podemos observar que há uma dependência do contexto em que você se encontra. Aqui em Salvador a gente vive em um contexto que a pixação e a facções têm dinâmicas autônomas. Por mais que haja pichadores que sejam envolvidos numa facção, eles não necessariamente atuam dentro da pixação de acordo com o que é orientado dentro da facção. Acredito que isso tenha sido um processo histórico, quando vamos ver gerações passadas também encontramos este dado: pichadores que estavam envolvidos no crime, mas que não misturavam uma coisa e outra. Eles sabiam separar, até porque isto pode afetar a sobrevivência dele, como você pode estar no tráfico de forma visível e ficar saindo por aí a noite de madrugada para pixar? É um nível de exposição que ele não pode se permitir assim.

Com relação a este aspecto formativo, que Lucas evidenciou, precisamos entender também que em dado momento a pixação foi uma sociabilidade que orientou para uma autodestruição. Podemos dizer que em

dado momento ela foi uma subcultura autodestrutiva, do tipo que inflige o auto ódio entre os irmãos. Acho que houve uma mudança de qualidade. E no momento presente, em 2023, se a gente olhar para outros Estados do Brasil a gente facilmente se dá conta de que a dinâmica por outros lugares ainda é essa. Por lá as pessoas ainda se matam, literalmente, por causa de pixação.

## **Andressa Batista II**

### **O reivindicar da cidade**

Apesar de também acompanhar alguns pontos do argumento comum da problematização da propriedade privada, eu acredito que no pixo a principal função social é o direito a cidade. Revogar uma cidade que é sua. Quando Smol fala sobre a questão do não pixar a nossa casa, e Kaya nos traz a questão do anonimato, eu devo acrescentar alguns pontos: Onde é esta casa? Quem são as pessoas que comumente pixam? Onde essas pessoas moram? E onde essas pessoas pixam? Quais lugares estas pessoas querem revogar enquanto seus?

Eu claramente não posso falar sobre as cidades que não conheço, mas posso falar sobre a dinâmica que vejo em Salvador. Eu vejo muita pixação no Centro. Quais lugares são esses que quero revogar enquanto meus também? Quais os corpos que estão pixando em tais lugares? Eu não posso generalizar, nem todas as pessoas que pixam são de periferia, mas sua grande

maioria é. Então, quais lugares essas pessoas de grande maioria periférica querem revogar como seus? Os Centros, os monumentos, os lugares de vista, os prédios, os condomínios. Imagino que há um questionamento no fundo disto: Por que a cidade que deveria ser minha, não é minha? E digo enquanto uma pessoa periférica. Creio que o pixo enquanto um

*reivindicar* da cidade é uma boa demarcação para sua função. É uma marcação de território para além da marcação de território. O que este risco, para além do vulgo, quer dizer quando ele está na Barra, no Campo Grande, na fachada do Museu de Arte da Bahia, no metro quadrado mais caro desta cidade?

### 3. Ética e Presença

**Algo comum que podemos observar na fala de vocês é a constante menção de uma ética. O que parece ser algo um pouco contraditório, afinal, quando a gente fala de pixação estamos falando legalmente de um crime. Para vocês, o que é essa ética na pixação? O que se conecta a este possível código?**

#### Pedro Maia III

##### Não é pixação

Olha, isto nos traz de volta a discussão da função social da pixação. Quando pensamos a função social da pichação, a gente também tem que fazer uma comparação com o grafite que é uma prática legalizada. Legalizada ao ponto de haver uma lei que fala quais as condições e respalda a prática em que o grafite pode ser praticado. O graffiti, se formos tomar enquanto fenômeno mundial, ele está muito próximo à nós aqui enquanto pixação, pois na sua essência também era uma violação a propriedade, também tinha esse aspecto do vandalismo, de ser uma prática que não buscava a autorização. É uma cultura

inicialmente pensada e gerida por pessoas pretas e que antigamente abria mão dessa chancela branca de como intervir na cidade.

Com relação a discussão sobre a sociedade privada e do patrimônio público, ela é uma questão sensível a população como um todo. Por exemplo, o que a gente entende enquanto direito a cidade está imbricada a própria ideia de propriedade privada. O cidadão que reivindica o direito a cidade é necessariamente desterritorializado, ele não se sente identificado com a própria cidade, ele é privado do direito de ir e vir, do direito de intervir, do direito de

reproduzir a cidade. E também precisamos entender que a cidade, querendo ou não, ela é um projeto de escassez programada. Eu acho um pouco estranho esse reivindicar que busca identificar-se. Muitas vezes quando a gente pixa, a gente pixa com ódio. A gente não quer mais se identificar com aquele concreto. Claro, esta é uma percepção particular minha. Eu acredito que outras pessoas tenham e adquiram uma identificação maior por Salvador na medida em que forem pixando, e se apegando ao letrado baiano, afinal, se quiser ver letrado baiano, vai ter que se estar em Salvador.

A questão é: em que medida aquele pixador está de alguma forma buscando embelezar a cidade? E qual o uso político que está sendo feito desta cultura? Pois, o grafite comercial... Um termo que a propósito eu acho um absurdo. Pode-se chamar de muralismo, artes plásticas, e outros muitos termos que quisere chamar, mas isto não é graffiti. É deslocar o termo de seu berço, da cultura hip-hop enquanto movimento de libertação, protagonizado por pessoas negras. O que chamamos de apropriação cultural também podemos associar a isso aí. Para o Estado e os especuladores imobiliários é muito fácil chegar na Estação da Lapa e fazer meio mundo de grafite, mas retirar os ambulantes que comercializavam lá. Existe um uso político do grafite comercial nesse caso, sendo apropriado como um recurso da gentrificação e da especulação imobiliária.

Quando nós trazemos este debate acerca da propriedade privada, não é um mero recurso teórico, é também uma representação da nossa realidade enquanto pessoas pretas. Somos o maior número de negros fora de África, e estamos produzindo uma cultura que viola a propriedade privada. Isto deve sempre ser marcado. Isto é a pixação. A partir do momento em que a pixação adentra uma galeria, a partir do momento em que ela foi pintada em uma camisa, em que ela viaja para Berlim para participar de uma bienal de arte, ela deixa de ser pixação, ela se torna a representação de uma pixação. A pixação de fato, deve ser vista como essa intervenção, sem autorização, que foi feita na rua. Parece radical, mas é uma atenção necessária para não tornarmos tudo a mesma coisa. Precisamos dar nome as coisas. A pixação também é uma forma de produção de conhecimento e não podemos cair em narrativas como a de pessoas que produzem livros sobre pixação, mas na oportunidade que teve de ir aos jornais a criminalizou, pois naquele momento, naquele espaço, era oportuno falar mal da pixação. E esses casos são comuns, esses tipos de pessoas muitas vezes são legitimadas para ir pro exterior, ir para Nova York, ir a Paris, falar sobre a pixação.

Deve-se entender os conflitos da pixação, sua juventude, a pixação é nova, podemos dizer. A pixação, na forma como entendemos hoje é recente, tem uns 40 anos aproximadamente. E hoje, neste recorte de tempo ela é vista como um crime,

mas nem sempre foi assim, e talvez não será assim pra sempre. Devemos encarar que o momento histórico em que nós estamos necessariamente é condicionado por essa busca por espaço, que está envolvida com facção, que está envolvida com milícia, que está envolvida com polícia, está envolvida em toda esta guerra que eu considero essencialmente racial. Pois, no final, quem morre mesmo é gente preta, seja na polícia, no tráfico, ou transeunte. Quando a bala chega na Graça se cria uma grande polêmica em torno disso, mas o que aconteceu no Calabar, acontece todos os dias em Salvador.

Toda essa questão sobre a ética está conectada a forma de ensino e aprendizagem. É também um processo formativo. A ética que foi construída através das gerações é que vai ser passada, que vai ser ensinada com o passar das gerações, mas de que forma ela será ensinada? Ela também deve atender determinados preceitos. Os pixadores sempre falam: a rua ensina. A escola da pixação, de fato, é a rua. E acredito que isto esteja muito conectado a própria experiência afro-diaspórica. A gente comunica sobre a pixação pela *oralidade*, tem uma relação de ancestralidade, há uma corporeidade no letrado baiano. Precisamos fazer essa interface com outros elementos culturais que fazem parte do cenário que nós visitamos, que é Salvador. E precisamos reconhecer esse valor epistemológico da pixação, por exemplo, nós facilmente podemos cartografar a

cidade a partir da pixação. Você pode alfabetizar uma pessoa através da pixação. Existem pixadores analfabetos que estão inseridos na pixação. Todos esses elementos constituem tanto o aspecto ético quanto heterógeno da pixação.

### **Andressa Batista III**

#### **El dourado**

Acho importante colocarmos a diferenciação entre pixação com X e CH. O termo pichação foi ressignificado, que é este PIXO com X. Quando a gente usa o pixo com X é uma ressignificação do termo da legislação pela comunidade. Quando Kaya fala sobre essa questão da estética do pixo, eu creio que a estética vai para além do belo. A estética aqui está muito mais conectada ao *afetar*, seja afetar aqueles que acham o pixo feio ou os que acham o pixo belo. Uma mesma pixação, um mesmo letrado pode ser feio para uma pessoa e belo para outra, a depender também se a pessoa sabe ler e decodificar o letrado na parede, pois aqui na estética também há essa dimensão da linguagem. O que nos leva a questão já dita aqui: há muitos pesquisadores em níveis avançados de investigação institucional, como em mestrado, doutorado, e que ainda sim não estão em conversa ou diálogo com a comunidade. Trabalham apenas com os pixos que sabem ler, neste recorte pequeno, pois não possuem diálogo ativo com aqueles que realmente vivem o pixo.

Eu concordo com Kaya quando ele nos diz que é uma cultura de conflito, de disputa pelo espaço, de disputa pela cidade. Eu compreendo que a cidade é esse lugar de escassez, mas ela também foi construída pelo imaginária do povo. E agora eu digo isto diante do meu lugar, pela minha família. Minha família materna veio para a cidade pensando ser um lugar de melhoria. Minha avó saiu do distrito dela de Maria Quitéria em Feira de Santana para vim trabalhar em Salvador porque ela achou que assim poderia alimentar os filhos. Conseguiu? Conseguiu, mas não enriqueceu. Logo, o que é essa cidade? É também esse El dourado imaginado pelo povo.

### Lucas Silva III

#### A produção de presença

Reconstituindo um pouco o ponto sobre o papel social e o direito a cidade, eu lembrei de uma resposta que ouvi uma vez Scank<sup>4</sup> dar a alguém sobre o que para ele significava o pixo. Ele via o pixo como “Os verdadeiros autores assinando suas verdadeiras obras”. Ou seja, o pedreiro construiu, colocou a mão na massa, levantou, mas o nome que vai no prédio é o do engenheiro ou do arquiteto. Que idealizou, mas não concretizou aquela construção. Logo, a pixação seria essa

reinvindicação de assinatura da obra. Por exemplo, uma hipótese, o avô, o pai ou o tio de Scank trabalhou na construção de um prédio, não teve nenhum reconhecimento simbólico pelo trabalho, e ele foi lá, como ascendente, e pixou. Acho que esta noção vai na mesma linha de busca pelo direito à cidade, na busca pelo direito de ser visto nesta cidade.

Pensar dentro da própria condição existencial, de se entender como um ser que vale menos que a norma. A morte banalizada, a vida precarizada, a urgência de precisar se ver. Digo isto em minha própria experiência e de meus colegas. Quando a gente dá um risco na rua e depois passamos para ver, as vezes, eu mesmo ver meu próprio risco é mais satisfatório e mais prazeroso do que ouvir alguém dizer que viu o que risquei. Os lugares que eu risquei tem muito a ver com as rotas que eu andei. Eu não saía para riscar em lugares que eu não andava. Você não verá um risco meu na Suburbana<sup>5</sup>, pois poucas vezes eu fui lá. Os meus pixos estão em lugares que eu possa ver. Há essa necessidade de se ver participante da cidade. Eu acredito que a lógica da pixação envolve também uma *produção de presença*. Eu passo no Aquidabã e vejo o risco de alguém é como se eu visse a pessoa, a pessoa aparece para mim, não é em carne e osso, mas eu lembro daquela pessoa, fulano, sua história. É esse multiplicar de presença, o que querendo ou não, é algo oposto da lógica do colonialismo

<sup>4</sup> Vulgo de Jailson Galdino (*in memoriam*) pichador importante para o movimento.

<sup>5</sup> Região periférica da cidade de Salvador.

em si, que busca retirar a presença de alguém que é presente. É um paradoxo, se observamos. O pixo é essa presença muito visível, porém, invisibilizada.

Quando você nos indaga sobre esta Ética, eu entendo ética como a existência de um código do que pode e do que não pode, e no nosso pixo a ética está muito centrada na questão da visibilidade. Desde que você não invisibilize o outro, tá valendo. Você risca, mas você não pode dividir ou sobrepor outro risco em uma mesma parede. Há outras regiões em que pixo precisa passar um por cima do outro para ser tido como falta de respeito, mas aqui na Bahia não. Se alguém riscar a mesma parede em que você pôs seu letrado, o outro perde a razão. Se seu risco estava coberto de papel, e não de

tinta, o outro perde razão se passar por cima. Se alguém pintou a parede que você riscou, com uma tinta rala, e seu risco ainda é visível por baixo, o outro *pode* pintar por cima, pois já pintaram, mesmo que seu risco não tenha saído todo. Ok, eu não adentrei ao movimento em seus momentos mais violentos, quando cheguei já tinha uma certa ética no trato e no respeito com o outro. Aqui a ética eu vejo ser pautada essencialmente por essas relações de parede, do que pode e do que não pode: as dinâmicas entre bairros, proximidade das telas, etc. Há também questões pessoais, por exemplo, conheço pessoas que não pixam Igrejas. Há um código de conduta nesta disputa, não é algo puramente anárquico, mas, também, cada um cria sua dinâmica.

#### 4. Rua como Museu, Pixo como Arte

**Alguns de vocês falaram a cerca da representação do pixo enquanto linguagem e comunicação. Ultimamente temos visto alguns pixadores ganhando holofotes e levando a pixação ao exterior, usando-o como Arte. Eu gostaria de saber o que vocês pensam do pixo enquanto Arte. E o que é a rua nisto? A rua é um museu a céu aberto?**

#### **Pedro Maia IV**

#### **A estética do violar**

Sobre essa questão: o pixo ser arte, eu faço muitos paralelos com a própria capoeira. Há esse debate se a capoeira é luta, se é dança, se é esporte, se é isso, se é aquilo. Também já houveram debates se a capoeira

deveria ser de rua, se deveria estar dentro de uma academia. Como disse anteriormente, a pixação é heterogênea. A pixação vai ser arte? Se você quiser que ela seja arte ela vai ser. Todavia, se você estiver

interessado em levá-la para a galeria, você também terá que comprar os desgastes intrínsecos a isto, tá ligado? Não serão apenas os bônus, mas também os ônus. Haverão todos os desgastes envolvidos em todas as tensões do movimento, e é por meio de todas essas tensões que a cultura vai se remodelar. Por exemplo, o que conhecemos enquanto Capoeira Angola não é necessariamente cultura de rua, e também não é Capoeira Regional, tudo vai depender do método. E essas experiências estão muito latentes na Pixação. Existem escolas, existem linhagens, elementos do letrado. Eu, por exemplo, assino com elementos do letrado que não é da DB, ou que é necessariamente da B2, por conta da ligação que eu tive com Obzo, antes do falecimento dele, muito através da nossa relação com a poesia de rua. E tudo isso moldou meu estilo, meu pixo. A própria elaboração estética está conectada com todos os elementos de nossa vivência, da experiência prática de estar na rua e esses caminhos fundamentam nossa ética. Mas, ainda assim, o elemento fundamental de nossa prática, é a *violação da propriedade privada* ou do patrimônio público. É necessariamente isto que vai definir se é pixação, se é grafite, ou o que for. Tenha certeza que todos os pixadores pensam isso sobre a prática: não é para ser feito de forma autorizada. O que nos leva a questão: o pixo quando é exposto como arte, ele foi autorizado? Ele foi desejado? Se sim, aí temos que discutir se isso que está nas galerias é pixo mesmo.

## **Andressa Batista IV**

### **Corpo-museu**

O pixo enquanto arte me trás mais perguntas que respostas. A primeira pergunta que me vem é: o que é arte? Uma pergunta que não é respondida. Eu acompanho Kaya quando ele nos diz que isto parte da vontade de querer que seja colocado como arte. A segunda pergunta é: o que é rua? O que é a rua? Eu entendo que o pixo é uma cultura de rua, mas o que é esta rua? E o que é Museu? Eu estou na museologia desde 2018 e me depararei com muitos conceitos sobre museu. Conceitos estes, em sua maioria eurocêntricos, brancos e europeus. De museu como tempo, como fenômeno. Mas, atualmente eu estou tentando construir uma noção de museu, que parte muito do pensamento de Beatriz Nascimento, do corpo-território, que é o corpo-museu. Eu acredito que o primeiro museu que eu tenho para conservar, preservar, comunicar, pesquisar, educar, é o meu corpo. E partindo também de uma visão candomblecista – eu sou de Axé – de entender o corpo como esse templo, esse lugar sagrado que deve ser cuidado. E entendendo que este corpo museu é um corpo que deve ser preservado, comunicado, que as vezes deve ser restaurado, eu penso como este corpo museu pode interferir nessa cidade que também é um museu. Museu é o fenômeno que acontece ao pensar preservação de memória. Quando eu penso memória, eu

penso rua. Quando Smol fala sobre o Aquidabã, por exemplo, eu tenho Pixo no Aquidabã. Mas, eu também tenho pixo de outros amigos no Aquidabã; eu tenho pixo que já foi coberto no Aquidabã, e quando eu passo por lá eu lembro de todas essas histórias. E isto é muito real. Eu sempre lembro das pessoas. Se eu vejo o pixo de um parceiro que eu conheço, eu vou lembrar. Se for o pixo de um parceiro que eu não conheço, eu vou me perguntar: quem é esse cara? Quem é essa mulher? Quem é essa pessoa que ta riscando nesse lugar? Dessa forma?

Sobre a questão da Rua ser o Museu do Povo é uma frase criada e difundida pelo movimento *A Pombagem*<sup>6</sup>, especialmente por Noite<sup>7</sup>, que ele coloca que a rua é o museu do povo. Por ser esse espaço comum, esse lugar comum em que as pessoas passam. Eu também passo por esses lugares. Os lugares que eu pixo ou são lugares que eu ando ou lugares que eu passo de ônibus. É um fato! Para eu passar pelos lugares que eu pixo ou eu estou sentada no ônibus ou a pé andando, e eu adoro repassar! Há uma rua específica em Salvador, que tem AZUDA em todos os lugares, de vários dias diferentes, e quando eu passo por essa rua eu lembro de todos os dias. As particularidades de cada risco, e é o prazer de colocar, relembrar. Para além do meu corpo ser o meu museu, a rua também

é o meu museu. Quando Kaya nos diz que a ética do Pixo é antes de tudo o *violar*, eu concordo. Se a gente entende que a cidade antes de tudo é esse lugar de escassez, para ela ser esse lugar de fartura, eu vou ter que violar certas acomodações.

Eu entendo que ver pixo como Arte parte da Vontade. Concordo com Kaya, mais uma vez. E concordo com à *Pombagem* quando ela nos diz que a rua é o museu do povo. Nós não tivemos templos, não tivemos palácios. Não acredito dessa visão da revolução francesa de abrir casas, para essas casas agora serem do povo. Essas casas não são. Essas casas tem um sistema de gestão, uma política de aquisição, tem uma política de descarte. E pra gente entrar nessas casas, que seriam o museu do povo, a gente tem que lutar, e lutar muito para conseguir entrar pela porta da frente, porque só nos é aberta a porta dos fundos. A maioria das pessoas iguais a mim que vejo nesses museus casas, são profissionais terceirizados. Nos museus em que eu trabalho, meus vizinhos não estão em lugares de poder, estão comumente em trabalhos de serviços gerais. Então, por onde esse povo está entrando nessa casa que supostamente é dele? Eu de fato acredito que a rua seja sim o museu do povo, pois ela é minha também.

---

<sup>6</sup> Grupo de arte popular da periferia de Salvador que atua desde 2009 com musicais, saraus e espetáculos de teatro de rua.

<sup>7</sup> Pixador soteropolitano, idealizador do movimento “A rua é o Museu do Povo” e integrante do grupo de teatro de rua e ponto de cultura *A pombagem*. Membro e fundador da gang V.P. (Virus de parede).

## Lucas Silva IV

### A gente faz risco

Como Kaya falou, esse paradoxo que também temos com o Candomblé – eu por exemplo acho que é um esvaziamento enorme chamar de religião, sendo que a genealogia desse conceito vem de onde vem. Isso sempre me deixa meio crítico, e com a capoeira nem se fala. Eu nem sei mais como me comunico ou explico aos outros que sou da capoeira Angola, porque quando eu digo isso as pessoas já me associam a um estereótipo da capoeira, um cara malhado sem camisa e descalço que joga a perna para cima esbanjando força e brutalidade. E o que eu pratico não tem nada a ver com isso, não está limitado ao esporte, a luta, a dança. É uma singularidade que talvez só devesse ser chamada apenas de *capoeira Angola*. Por isso que as vezes eu bato na

tecla de que a gente não pixa, a gente risca, *faz risco*. Pixo tem referência ao material que usa, e a gente tráz essa cultura do risco. A gente não da *tag* a gente dá assinado<sup>8</sup>, que é diferente do letrado. Há três elementos básicos do risco: 1. O *assinado*, o seu e do colega que vai com você. 2. O *letrado*. E 3. a *sigla*, do sistema ou da gangue que você faz parte.

Eu acredito que seja arte também. E que a questão do crime não exclui isto. Eu conheci muitas pessoas que eram insuportáveis. Que iam lá riscar, ai tinham que atravessar a rua, olhar, voltar, retocar, e ainda sim não saiam satisfeitos. Tinham uma relação muito forte com o que estava escrevendo, com sua reputação ao pensar nos outros que iam passar e veriam que o seu letrado não estava tocando o chão<sup>9</sup>, que seu risco estava torto. Eu acredito que há muita arte nesta dedicação.

## 5. Letrado baiano

**Eu gostaria de falar também sobre o letrado Baiano. Essa estética diferenciada do pixo. Para vocês o que é esse letrado baiano e o que é essa forma de se comunicar? O que há de particular nela quando comparado a outros estilos? Suas influencias, elas são regionais? Se sim, quais?**

---

<sup>8</sup> O ato de escrever o seu pseudônimo artístico. TAG é uma noção importada.

<sup>9</sup> Tocar o chão é um dos critérios de beleza do letrado baiano.

**Lucas Silva V**

## **A necessidade de preservar**

Com relação ao letrado baiano devo admitir que eu sou conservador. Entendo que é algo que tende a se transformar, que não é algo estático, que não foi sempre assim. Mas, também não é ôba, ôba! Dizem que o letrado tem a ver com as formas geométricas da cidade: nossa cidade não é tão verticalizada. Dizem também que o tempo do baiano é outro, que em seu tempo o baiano risca a parede toda. Eu acho essa questão da cobrinha<sup>10</sup>, que nem sempre esteve em nosso pixo, algo muito metafórico: dá pra fazer várias reflexões sobre noção de tempo e de espaço. Eu não sei quem começou, mas é algo que devemos preservar – principalmente agora com o aumento de encontros e trocas culturais entre os Estados. Podemos ver que está acontecendo uma verticalização do pixo baiano. A nossa riqueza e a nossa pobreza se encontram na manutenção desse estilo, do *letrado baiano*. Uma vez eu vi um vídeo meu riscando de costas, e eu vi que a minha corporeidade tinha muitas coisas que lembravam a capoeira. Posso estar exagerando a minha licença poética aqui nessa fala, mas eu vejo isso. Uma vez saiu eu e Scank e uma pesquisadora e ela nos gravou durante o risco, foi uma gravação em alta resolução. E eu depois assistindo, me vendo, a minha movimentação, ela

também comentou, é algo diferente. Durante o risco a gente agacha, levanta, estica o braço, fazemos movimentos muito particulares, e isso é algo que eu acho que temos que guardar, que devemos zelar.

Uma coisa diferente que chegou foi o extensor. As pessoas – já com preguiça, ou influência externa – faziam a base mais quadrada, uma estética que não tinha nada a ver com a gente por causa da ferramenta, uma estética que não tinha nada a ver com a gente. Ok, aí a gente ficou refém da ferramenta. O “descer de corda”, já é uma prática que parece chamar mais o estilo paulista. Eu acho pobre o pixo paulista. Eu os respeito, sabe, eles têm muita disposição, mas eu acho esteticamente pobre. E a gente acaba abrindo mão do nosso estilo baiano pela comodidade do outro estilo na prática. O letrado baiano pra esse tipo é mais difícil? É. Mas também é o nosso legado, é a nossa história ali. Eu sei que haverá modificações, mas não devemos abrir mão deste diferencial que é nosso, baiano mesmo. Pois se não o estilo pode ser engolido por estilos considerados mais “centrais”, como o de São Paulo. Então há também uma preservação de identidade no letrado baiano, que ao meu ver, também é mais bonito

---

<sup>10</sup> O traço que conecta no risco baiano uma letra a outra.

## **Pedro Maia V**

### **Nossa riqueza, nossa pobreza I**

Eu acho curioso o fato destes encontros anteriormente serem rarefeitos. Os encontros aconteciam onde? No Playland, na praça do Salesiano, na Piedade, no Fliporama da Lapa, no Campo Grande.<sup>11</sup> Acontece que no momento em que nos encontramos atualmente, em que temos uma trégua, conseguimos realizar eventos que agregam demais, praticamente todos os movimentos da cidade já se fizeram presentes em algum momento. E isso é um fato novo. Antigamente você não veria alguém da SB e da OT<sup>12</sup> juntos, isso não acontecia. Por conta das rixas entre as gangues, entre os bairros.

Eu também vejo essa pobreza que Smol fala, estética mesmo. No momento que eu me inseri na pixação havia uma diversidade maior. Por exemplo, nem se compara a diversidade estética que havia dentro da 163<sup>13</sup>, que era o mesmo sistema, mesmo que de diversas partes da cidade. Hoje em dia quando a gente vai para a pista, o que é que a gente vê? Vemos que nos perdemos muito.

---

<sup>11</sup> Locais do Centro de Salvador/Bahia.

<sup>12</sup> SB e OT são dois sistemas de pixadores baianos que no passado mantiveram uma rivalidade histórica e hostil. Atualmente, a maior parte dos pixadores desses sistemas convivem harmoniosamente;

## **Lucas Silva VI**

### **Nossa riqueza, nossa pobreza II**

Mano, deixa eu te interromper, mas... Cara, eu acho que nunca na história da pixação tivemos tantos pixadores motorizados. O acesso a carro e moto era difícil, e quem riscava eram pessoas menores de idade, que não tinham condições. Eu vivi o tempo que Papel<sup>14</sup> voltou. O que a gente não fazia em um ano, Papel fazia em um final de semana. E ele era um cara que batia ponto, no tempo do facebook, havia um grupo de pixadores, e foi ele que inaugurou essa onda de filmar os rolês e postar. Então eu sabia que se eu chegasse no grupo umas 10 horas da manhã eu veria vários vídeos dele.

Eu também creio que a letargia digital das pessoas mais jovens com o celular, eles não olham mais para a rua como olhava antes. Então a juventude não está mais com essa pilha toda. O que a gente vê muito hoje é uma galera velha que já riscou na infância, com condições péssimas, conseguiu se estabelecer minimamente, comprou um automóvel e voltou pro pixo. E eu acho que isso empobrece a vivência. Riscar andando é outra parada! Bater perna de bairro em bairro é outra coisa. Saber que se você estiver ali e se for denunciado vai estar em

<sup>13</sup> 163 é um sistema de pixadores baianos fundado na Suburbana, que acabou por agregar pixadores de diversas partes da cidade e por representar um marco estético no movimento;

<sup>14</sup> Pixador da década de 2000 que parou e retornou na década de 2010.

uma exposição diferente a sua volta. Essa experiência creio que também se reflete na autoria, no traçado do risco na parede.

## **Pedro Maia VI**

### **Nossa riqueza, nossa pobreza III**

Eu concordo com isto, e acho que é algo geracional também. No momento em que a gente entrou na pixação, tivemos que buscar outras estratégias de apropriação da cidade. A técnica do extensor<sup>15</sup> mesmo, por mais que a gente reconheça que não é uma estética daqui, era também uma forma que a galera mais jovem encontrou para disputar visibilidade com a galera que já estava estabelecida e que já estava chegando motorizada. A galera da PF, da PGA<sup>16</sup>, era uma galera que dava muito rolê de moto. E temos que admitir, é uma das estratégias de apropriação da cidade.

O extensor é uma técnica. Nada impede o letrado baiano de ser reproduzido no extensor. Nada impede do letrado baiano ser reproduzido com um extintor. Depende apenas se você enquanto sujeito adaptar aquela técnica. Já teve letrado baiano de ambos e jeitos e nada impede de se apropriar de técnicas externas para a produção da estética aqui. Isso é um processo de amadurecimento que ainda está em percurso aqui. Por exemplo: descer

---

<sup>15</sup> Extensor consiste em um cabo retrátil utilizado comumente por pintores em reformas prediais. Pixadores adaptaram o seu uso para grafar *tags* e *bombs* pela cidade. Em Salvador, o uso do extensor

de rapel. Quando eu tinha uns dois anos de pixação, um colega chegou em mim e falou “É claro que dá pra você puxar a cobrinha no rapel. Inclusive você vai gastar menos tempo na intervenção de rapel se você puxar a cobrinha, porque você não vai ter que aumentar as pontas, crescer as letras. Você vai passar a cobrinha em um traço descendo.”. E ele chegou a reproduzir pra mim, no papel. Desenhou um prédio e demonstrou como seria. E eu vi que era plenamente possível. Acho só que a galera ainda não se atentou para isso. E percebo também que há pessoas que descem rapel que já tentam adaptar.

## **Andressa Batista V**

### **Uma cabeça, uma barriga, um pé.**

Eu conheci o letrado baiano quando ainda não pixava, em 2016. Eu sai das minhas escolas do Bairro – Cosme de Farias, Matatu, Vila Laura – e fui pro Colégio Central. E quando eu fui para o Central eu passei a viver a rua. Na época a Estação da Lapa estava em reforma, e eu tinha que ir pela Barroquinha, e a Barroquinha é tomada de Pixo. Então as 7 horas da manhã, eu não tinha nada pra fazer, eu ficava na janela do *buzu*, olhando aquilo. E tentando entender. Nem tudo eu conseguia ler, mas quando eu conseguia eu ficava me

passou a ser popularizado a partir de 2013/2014, tendo a U16 como gangue pioneira;

<sup>16</sup> PF e PGA são gangues de pixadores baianos;

questionando: O quê? Quem fez? O quê que é isso? Como aconteceu isso? Quando foi? E eu não via tantos pixos perto da minha casa. Na rua direta do Cosme de Farias eu até via, e ficava me perguntando: Meu Deus, quem é Pinel? O que é Pinel? Pinel é alguma coisa? Ai com o tempo eu fui acessando mais a rua, conversando mais com as pessoas, até que eu ouvi: Letrado Baiano. No início eu pensava que letrado baiano era pixo feito por qualquer pixo feito na Bahia. Ai com o tempo eu fui entendendo que nem todo pixo é um letrado baiano. E ai eu fui entendendo o que é de fato um letrado baiano.

Eu concordo muito com Smol quando ele fala que tem muita semelhança com a Capoeira, com o Candomblé, seus movimentos: sua corporeidade. Eu acho tranquilo dizer que o Pixo é uma memória ancestral. Muitas coisas do pixo vem de uma ancestralidade. Já concordamos aqui que o Pixo foi feito, difundido, compartilhado, criado por uma comunidade negra. Ele tem essas estruturas ancestrais, seja no movimento, no tribalizado, e isso diz muito sobre a identidade de um povo. De um povo que foi obrigado a esquecer sua subjetividade pela colonialidade. Por exemplo, o símbolo do sankofa que facilmente encontramos nas grades das casas. Foi apenas depois de muitos anos, já na faculdade que eu descobri o significado de um símbolo que esteve a vida toda no portão da minha casa. São essas dinâmicas de sobrevivência

ancestral, da memória do uso do corpo, do entendimento do letrado.

Kaya me ensinou que o pixo tem uma cabeça, uma barriga e um pé. E para fazer esse pixo eu tenho que ocupar a parede inteira. Me esticar até o máximo que consigo e ir até o final. E esse pixo precisa estar reto, não pode estar feio. Quando eu falo sobre o letrado baiano como memória é porque eu estou aprendendo ele agora, então estou em contato buscando um aprendizado com ele, mesmo acreditando que isso nunca acabe. O letrado é algo que deve ser preservado. Que é nosso. Que só há aqui. Não vejo em outras cidades, e eu sei que se vê ele em outra cidade é de alguém daqui que foi lá e fez, pois é uma questão nossa, de Salvador. É um saber riquíssimo de técnica, de identidade, de corpo, de ancestralidade. O letrado baiano é ancestral.

## **Felipe Silva**

### **Rupestres I**

Só uma nota de algo que lembrei. Quando eu via o letrado, sem saber, eu achava muito parecido com as pinturas rupestres. Principalmente quando eu observei que o letrado é um corpo, e os artistas rupestres também desenhavam corpos. Corpos de animais, seus corpos, outros corpos. E isso sempre me associava ambos. É algo da minha cabeça, eu acho.

## **Pedro Maia VII**

### **Rupestre II**

Cara, você bota fé que eu já participei de escavações arqueológicas por meio da UFBA? Tive uma disciplina de introdução a arqueologia, e também teve uma atividade de extensão em que íamos para algumas atividades em comunidades quilombolas de Morro do Chapéu para falarmos sobre arqueologia. E eu tive vários *insights* a partir disso aí. Por exemplo, os pixadores são um grupo seletivo, pequeno em comparação a toda a sociedade. E quando a gente pensa em pintura rupestre temos a

impressão no senso comum de que eles simplesmente ficaram com vontade e falaram: ah, vou pintar isso aqui. Nas escavações que participei, sempre encontrávamos vestígios arqueológicos que denotavam a existência de um contingente populacional que não estava representado naquelas pinturas. Proporcionalmente falando, haviam menos pinturas do que pessoas, ou seja, eram pessoas específicas que realizavam aquelas pinturas. O que nos leva até a pensar: qual era a função social daquelas pinturas? Pois você reconhece as formas. Eram cercas, vaquinhas, gados.

## **6. Considerações**

## **Pedro Maia VIII**

### **Disputas de narrativa**

Eu vejo o fazer acadêmico muito conectado ao trabalho comunitário organizativo. E gosto de ver a pixação atravessada por isso. Eu tento entender qual é a minha tarefa histórica dentro dessa geração. Me contextualizar e estar a par do que a galera pensa. Então eu acho que todos os que estão se debruçando sobre a pixação em meios acadêmicos também devem assumir uma responsabilidade para com o movimento. E gostaria de propor a vocês que fizéssemos uma atividade dessa que não seja necessariamente em um ambiente

institucional, mas em algo que seja de fato da rua pra rua. Temos que entender que isto é caro para várias pessoas do nosso meio. E também temos que entender que haverá muitos dos nossos que verão isto que estamos fazendo como uma espécie de apropriação cultural. Como se estivéssemos fazendo o papel de pegar algo da rua e levar para um ambiente institucional.

Quando eu decidi fazer uma dissertação de mestrado foi porque eu reconheço que há

uma disputa de narrativas sobre a pixação, e que a gente está perdendo. A gente saiu perdendo. Respeito o trabalho de vários dos nossos, mas percebam quantos deles foram tutelados por intelectuais brancos, que estavam na academia, e que a partir disso foram legitimados a sair por aí falando da nossa experiência e experiência, sem necessariamente haver prática ou compromisso. Há uma disputa de narrativas, e eu digo que eu vivenciei dimensões muito sensíveis. Questões relacionadas a morte, a prisão, a vulnerabilidade. Então, quando eu vejo intelectuais de lá, que vêm para falar de coisas como a *Lama*,<sup>17</sup> nossa!

Irmãos, eu já estive na FACOM e uma menina, estudante de lá, conversando comigo me apresentou o trabalho dela do semestre sobre “Kaya, uma mulher que pixa pelas ruas de Salvador”. Ela disse que EU sou uma mulher. E o que eu digo pra ela? O que eu falo? Como eu explico a ela que eu não sou uma mulher e sim um homem cis? Vou realmente destruir todo o trabalho dela sobre apropriação do espaço urbano e a presença feminina na cultura de rua? Poxa, deixa ela aí no mundo das maravilhas da cabeça dela. Eu preferi me calar. Pois há também coisas que são uma dimensão de segredo, do mistério. As vezes as pessoas estão inseridas na cultura, nos conhecem, convivem, mas não necessariamente

compreende e desvenda a questão posta pela vivência. Saber que vai pra rua, arriscar minha vida, que pode ser preso, aparecer nos jornais, levar tinta na cara, ver amigos morrerem, enterrar esses amigos, e ainda assim, manter essa prática.

## Lucas Silva VII

### A mansidão

Agradeço sempre estas trocas de ideias. Aprendi muito ouvindo vocês. Minha relação com o pixo, mesmo aceitando convites para falar sobre ele, é a de alguém que já se sente desativada. Eu me sinto como um contador de histórias do pixo. Pois minha relação com a rua, as perdas que tive, as pessoas que tive que enterrar, as coisas que tive passar, de fato foram divisores de água para mim, e um dia eu tive que colocar um freio. E isso vai acovardando a gente, acho que é um processo de mansidão que passamos. É tipo: eu não lhe mato, mas eu mato as pessoas ao seu redor para que você não faça mais isso. As vezes eu ando na rua, olho umas telas, tenho umas lembranças, faço uns trabalhos em homenagem a uns amigos que já se foram, mas admito que a minha vida já entrou em outro circuito. Parece que quando eu riscava eu não sentia que estávamos em guerra, e quando eu entendi

liberdade em prol de pixadores encarcerados injustamente, campanhas de dignidade e memória em torno de pixadores que faleceram no exercício da pixação ou em outras circunstâncias, além do fomento de cineclubes;

---

<sup>17</sup> A LAMA é um movimento cultural protagonizado por pixadores baianos que decidiram realizar uma festa para agregar o movimento. A festa foi o estopim para um processo de mobilização e organização que desencadeou campanhas de

isso eu perdi um pouco a coragem pra pixar,  
pois a partir daí o pixo se tornou político.  
Vivemos em uma ética de guerra. Se o pixo  
não for essa propaganda de convocação, de  
agressão, não é ele. Eu reconheço ter feito  
minha parte, mas por enquanto, me vejo  
parado. Quem sabe no futuro eu volto

## **Andressa Batista VI**

### **A troca geracional**

Eu também agradeço, em especial, por essa  
conversa geracional. Em nossa sociedade  
não temos o hábito de conversar entre  
gerações. E aqui eu não falo apenas em  
âmbitos de família, de escola, mas em todos  
os outros possíveis também. E estar aqui e  
aprender com os meus mais velhos na  
caminhada do pixo. Acompanho Kaya na  
compreensão acerca da necessidade de  
expandirmos estes debates para fora dos  
muros institucionais. Experimentar novas  
formas de conversa, de práticas como esta  
que fizemos aqui. Também me encontro  
trilhando na caminhada na pesquisa, e sei  
que esta conversa vai me ajudar a  
compreender o que é o pixo baiano, em  
especial soteropolitano.